

APRESENTAÇÃO

Em decorrência dos processos de avaliação no âmbito da pós-graduação no Brasil, bem como as exigências dos indexadores de periódicos, a partir do presente volume, a Muiraquitã – Revista de Letras e Humanidades – será editada, exclusivamente, por intermédio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER. Assim, neste primeiro número *on line*, decidimos iniciar as edições com os últimos volumes do formato impresso, como forma de mantermos as redes de diálogo, reflexões e intercâmbios de pesquisas que se formaram em torno da proposta deste periódico.

O presente volume possibilita dialogarmos com os significativos percursos que temos trilhado no âmbito do Curso de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade em promissoras relações de parcerias com intelectuais e instituições amazônicas e de outras regiões. Percursos esses que articulam interesses e confluências de estudos e pesquisas, mas também proposições políticas no sentido de intercambiar referenciais teóricos e categorias interpretativas voltadas para a análise de dimensões fundantes dos pluriversos amazônicos e pan-amazônicos que o olhar etnocêntrico e colonizador reduziu a uma abstrata unidade geográfica.

Não por acaso, frente ao conjunto de artigos recebidos, desde o lançamento do volume anterior, nos impomos a tarefa de elaborar uma “flexão tática” no sentido de abrigá-los na presente edição, com a intenção de deixar falar os deslocamentos e trânsitos de mulheres e homens nas – e em direção às – Amazônias. Nessas falas/narrativas, linguagens, identidades, culturas ganham espaço nas interpretações dos diferentes autores, empenhados em instigantes pesquisas e leituras.

Nessa direção, chamamos a atenção para aspectos que consideramos centrais nos textos que seguem, à exemplo de “Entre dos aguas: un relato mestizo de la frontera cauchera en Colombia”, de Maria Mercedes Ortiz Rodriguez, que se preocupou em ouvir - e nos fazer ouvir - vozes mestiças daqueles que, produzindo uma narrativa de fronteira, se diferenciaram das visões hegemônicas sobre o violento avanço da “frente de expansão econômica” gumífera para a Amazônia colombiana. A impactante descrição e formas de interpretação da autora fazem ecoar os níveis de violências físicas e simbólicas contra populações das áreas e territórios dos rios Putumayo e Caquetá em fins de século XIX e inícios do XX.

Ancorado em amplo levantamento de documentos escritos, mapeando “notícias de jornais”, acervos de processos judiciais e dialogando com obras literárias, Francisco Bento da Silva, em “Raptos, defloramentos, violência e relações de poder na Amazônia acreana (1904-1920)”, descortina outras faces das experiências e das representações escritas acerca das violências vivenciadas por distintos grupos de mulheres no processo de constituição da ordem colonizadora nas áreas dos rios Purus e Juruá e seus afluentes. Também partindo do diálogo com representações literárias e invenções de certas tradições, Olga Maria Castrillon-Mendes parte da instigante proposta acerca da necessidade de “desafiar o cânone” ao colocar em cena o desafio de pensar, levar em consideração ou dar a ver a produção

literária dos escritores deixados na “margem”, como é caso daqueles que teceram/desteceram ou tecem/destecem imaginários desde o cotidiano matogrossense dos rios Guaporé e Paraguai, “ícones da paisagem fronteiriça”.

Uma grande parte dos textos desloca nossos olhares para específicas questões acerca do tema da identidade, pontuando seus limites e toda a construção discursiva que sempre lhe confere sentido. José Sávio da Costa Maia, com “Brasileiros por opção: algumas particularidades do processo de emancipação política entre o Acre e o Rio Grande do Sul”, procura visualizar os elementos que estruturam a construção da identidade do “acreano” e do “gaúcho” fundadas em narrativas geralmente ancoradas em interesses políticos e econômicos das elites regionais. Carla Monteiro de Souza e Francisco Marcos Mendes Nogueira, com “Notas sobre a presença nordestina em Roraima”, a partir da máxima “quem é filho do Norte e neto do Nordeste”, do poeta cordelista Eliakim Rufino, produzem importante leitura sobre os deslocamentos de trabalhadores do atual Nordeste brasileiro para a região do Rio Branco, na Amazônia roraimense, pontuando o que classificam como “uma relação de complementaridade e interação” entre as regiões Norte e Nordeste, dialogando com uma literatura de cordel roraimense que trata de evidenciar os laços identitários e a nordestinização da região. Maria Cristina Lobregat, com “Desde a Amazônia acreana: narrativas de trabalhadores deslocados de Itaipu – leituras do ‘tempo presente’”, e Tânia Mara Rezende Machado, com “Raízes e identidade de migrantes trabalhadores rurais do centro-sul no Acre: uma análise a partir da linguagem metafórica”, desvendam questões candentes presentes nos conflituosos processos de identificação ou auto-identificação identitária de trabalhadores rurais das regiões Sul e Centro-Oeste deslocados para a Amazônia acreana.

Os textos de Maria de Jesus Moraes, “A questão fronteiriça como mito fundador do Acre e dos acreanos”; Ana Carla Clementino de Lima, “Patrimônio histórico e poder: arte e política no ordenamento espetacular da ‘acreanidade’”; e Josiane Martins Melo e Agenor Sarraf Pacheco, “Sob o signo de Aquário: o patrimônio marajoara em tempos de Belle Époque”, encerram outras dimensões na relação linguagem-identidade, especialmente, por atentarem para a centralidade do documento/monumento nos processos de luta pela memória e os seus significados para a produção de narrativas hegemônicas nas Amazônia acreana e marajoara.

Mais que um dossiê, os artigos aqui reunidos constituem um modo de fazer, de palmilhar específicos territórios, pensamentos, interpretações que ocorrem no desmonte da invenção do não-lugar Amazônia. Não porque apresentem teorias inovadoras ou modelos interpretativos únicos, mas porque são anunciados desde diferentes lugares, cidades, florestas amazônicas e por intérpretes que olham essas Amazônia desde seus interiores, como quem busca encontrar os caminhos que o amazonialismo ocultou com suas generalizações e reducionismos a-históricos.

Gerson Albuquerque
Editor